

OAS

Carlos Henry

Senhores passageiros, sejam bem-vindos a bordo de nossa aeronave. Sentimo-nos honrados em (. . .) Nosso vôo terá duração aproximada de 1 hora e 58 minutos (. . .)."

Minha santa mãe! Duas horas de jato! Mais o tal vôo no táxi aéreo e depois não sei mais o quê. Aonde será que esse maluco do Almadá vai me meter dessa vez? Eu devia ter entrado em mais detalhes no contrato desse show. Estou ficando saturado dessa baixaria. Eu, que já brilhei nos bons tempos da Record. Epa! Nem é bom lembrar muito isso. Já vai pra quase vinte anos aquilo tudo e eu jurei não entrar mais nesse tema.

Olha só a cara do Almadá. O avião nem bem decolou e ele já está dormindo. Mas ele dorme em qualquer canto. E sempre agarrado a essa bendita pasta velha fedorenta, que só Deus sabe de que cor ela já foi um dia. Mas não posso reclamar do baixinho. Está me empresariando desde os meus tempos áureos. Nunca me largou. Acho que é meu único amigo verdadeiro.

Almadinha, Almadinha. A gravata voando, a camisa estourando pra fora das calças, sempre com pressa e com a voz rouca, aos berros, entrando em casa dizendo que fechou o melhor contrato da minha carreira. Sempre a mesma conversa e o velho e incrível entusiasmo. A minha carreira! Caminhada a passos lentos para a cova ficaria melhor. Só ele não percebe que eu já acabei.

É difícil a gente se livrar da imagem que o público cria pra gente. E aquela do tempo dos festivais da Record não sai do meu couro. Mas eu me recuso a apelar. Vou mantendo a dignidade. Pelo menos enquanto tiver alguma coisa na geladeira, claro.

Só não quero é passar novamente pelo vexame daquele show no interior de São Paulo. Que humilhação, meu Deus! O "teatro" de que o contrato falava e que o Almadinha engoliu era simplesmente um circo. E ainda me puseram de abertura pra uma dupla de cretinos caipiras: "Sagica e Sovaco". Minha mãezinha! Por que eu fico lembrando essas coisas?

"O cavalheiro gostaria de beber alguma coisa?" Aceito um vinho rosé, obrigado. Avião é bom. Fazia tempo que o Almadinha não conseguia um contrato desses. Só rezo pra que o resto do caminho pra esse buraco aonde vou cantar não tenha muitas peripécias. Táxi aéreo e horas de estrada já sei que tem. Mas uma coisa eu juro: em canoa não entro. Seria demais pra quem já foi aplaudido por mais de vinte mil pessoas num show.

Hmm! O vinho está bom. Gosto dessas coisas de avião. Alguns conhecidos meus, que passaram uma dureza do diabo e hoje têm algum ibope, ficam dizendo em entrevista que têm medo de avião. Um bando de cascadeiros falsos! Ficam rezando pra aparecer algum contrato que tenha avião incluído e, como não pinta, ficam com esse papo: medo de avião, coisa e loisa.

O Almadinha está roncando. Coitado. Batalhou um bocado pra arranjar esse show. O último foi há dois meses já. Se não fossem os bicos da noite em barzinho, não dava pra manter a postura. Meu último disco, semana que vem, faz o nono aniversário.

Aquelas senhoras do outro lado já me olharam umas três vezes. Devem estar me confundindo com o desgraçado daquele ministro da velha ditadura. Já aconteceu de outras vezes. Minha cabeça meio branca e meus quilos a mais me torna-

T R O

ram um pouco parecido com ele. E o sacana fez tanta besteira que o povinho não esquece dele. Da primeira vez que isso ocorreu, eu pensei que vinham me pedir autógrafo. Fui um idiota. A verdade é que, depois de tudo, eu acabei foi chorando mesmo. Depois acostumei. Mas é sempre tão constrangedor que eu estou sempre cabreiro.

Este vinho está mesmo bom. Quando voltar pra São Paulo vou comprar umas garrafas. A grana desse show até que é boa. É numa feira de gado. Vou cantar no baile à noite. Graças a Deus essas coisas ainda existem.

Se eu tivesse sido mais esperto, poderia estar agora com uns discos meus pra vender nesses lugares. Mas também não posso culpar o Almadinha. As gravadoras são umas sacanas. Não liberam nada. E o meu disco já saiu de catálogo. Pelo menos é o que eles dizem quando apareço por lá. O Almadinha não acredita. Diz que as pessoas ainda procuram e enche o saco deles pra reeditar. O diretor, o Moacir, não recebe mais o Almadinha.

Parece que vão servir o almoço. Vou acordar o Almadinha pra comer o PF voador. Ele adora essas coisas. Quando a gente faz show em cidade que tem hotel mais ou menos, ele se solta. Naquela vez, em Prudente, o hotel tinha só uma piscininha vagabunda, mas ele desfilou de bermuda e campari o dia inteiro. De noite, quando cheguei pra dormir, o quarto estava cheio de puta. Acabou o show, recebeu a grana, me deixou lá rodeado de caciques do clube e foi pra zona. Tudo bem, ele merece. Vive pra nós dois. Quando tem alguma mordomia aproveita o que pode.

O almoço estava até bom. O Almadinha já dormiu de novo. Acho que ele é feliz. Não reclama de nada. Quando

entro nas minhas fossas, ele sempre aparece naquela correria dele, com alguma coisa. Às vezes são as maiores merdas do mundo, mas sempre agita e me toca pra frente. É gozado, mas acho que os meus dois casamentos, juntos, não fizeram por mim o que o Almadinha consegue fazer num dia de sorte. E o diabo é que ele parece nem se dar conta disso. É um bom amigo. Como dorme o desinfeliz!

Uma daquelas passageiras levantou e vem na minha direção. Deus! Se ela disser uma besteira, eu pulo no pescoço.

"O senhor, por acaso, não é o Mário Lúcio que cantava Tristeza Coração?" Ai, meu São Jorge! Quando aquela borboleta entrou no meu quarto ontem à noite, eu sabia que as coisas hoje iam dar certo.

"Você desculpa se nós estávamos olhando assim de modo insistente, mas é que não tínhamos certeza. Você há de convir que mudou um pouco depois de tanto tempo. Nós temos todos os seus discos. Por que você não canta mais?" Meu Deus! E o Almadinha que não acorda pra presenciar isto!

"Não repare o papel, é um guardanapo, mas, por favor, nós queremos seu autógrafo. Para mim e para minha amiga aqui também. Se meu marido souber que voamos juntos e não falei com você, com certeza me mata. Ele também gosta muito da sua voz." Pois não, minha amiga. Pronto. Aqui está. Ai, meu Deus! Nem tudo está perdido. O Almadinha está com a razão. A minha carreira. Ah, moça, Deus lhe pague.

Carlos Henry é médico, músico independente, pesquisador da obra musical de Noel Rosa.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 16, pp. 64-65, dez. 86
